



É o momento de ir a campo, o que fazer? Uma interessante visita ao espaço não formal, sítio 3 moinhos, localizado em Jerônimo Monteiro-es

Denize Gomes Duarte Costa

Mestranda

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

E-mail: gmardenizegomesduarte@gmail.com

Márcia de Souza Oliveira

Mestranda

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

E-mail: souzamarcia508@gmail.com

Anderson Lopes Peçanha

Prof. Dr. Associado

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: anderscon.pecanha@ufes.br

RESUMO

Considera-se a educação não formal como uma peça chave para o ensino significativo e que busca envolver o discente em todo o processo de aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo propor o uso do espaço não formal como possibilidade de recursos pedagógicos na construção do conhecimento. O desenvolvimento metodológico divide-se em três partes: a primeira tem carácter teórico e discute a categoria educação não formal em si, bem como os objetos do conhecimento. A segunda parte é voltada para o planejamento da aula de campo. A terceira e última parte envolve a aula prática. Em seguida temos os resultados e discussões, onde, resalta-se os pontos positivos ou mesmo negativos da aula pós campo e a análise dos dados encontrados. Na conclusão é exposto um fechamento para todos os diálogos que ocorreram durante o processo da aula não formal.

Palavras-chave: Espaço não formal, Aprendizagem, Meio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

Na concepção de Covre et.al. (2022) as aulas de campo ressignificam os conteúdos a partir da vivência do aluno, uma vez que o coloca em contato com o mundo em sua volta, É um tipo de atividade que põe em movimento tudo que ele aprendeu na teoria, levando-o a tornar-se um cientista do campo.

Rodrigo e Otaviano (2002) vem nos corroborando a importância do contato com o real concreto de forma que leve o aluno a ilustrar os diálogos conceituais que acontecem em sala de aula. Esses autores nos levam a refletir que, na maioria das vezes, os alunos só conhecem ter contato com as paisagens, que ilustram os conteúdos, por meio de uma gravura do livro didático, ou uma explicação das mesmas, ou da imagem que o discente recria conforme sua visão de mundo, que pode estar distorcida da versão real.



Em relação ao docente, a aula em espaços não formais é muito importante porque tira o professor da posição de detentor do conhecimento, colocando-o em posição de horizontalidade na relação com o aluno e nas vivências que irá observar (SANTOS, OLIVEIRA, 2021).

Para participar desse diálogo, convidamos Freire (2015) que nos fala que: “[...] ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua própria construção. Isso precisa ser testemunhado e vivido Freire (p. 47, 2015)”, e as aulas em ambientes não formais dialogam constantemente com esta ideia proposta por Paula Freire, uma vez que o discente fica em contato com uma realidade concreta.

Além disso, por estar fora dos muros da escola o aluno sente-se mais espontâneo, mostrando-se como ele realmente é, e o professor pode aproveitar para observá-lo em toda a sua totalidade, uma vez que, isso coloca tanto professor e aluno no mesmo patamar de aprendizagem. Esta confrontação é um momento único ele observar como o discente se comporta junto a todos os pares (RODRIGO; OTAVIANO, 2002).

Nos diálogos de Jacobucci (2008) percebemos que o campo da educação não formal ainda tem muito que investigar, se faz necessário promover estudos que possam relacionar a estrutura das disciplinas com os processos de incorporação do conhecimento científico, para que assim eles possam agregar novas informações ao conhecimento de mundo entre os pares.

2 OBJETIVO GERAL

- Propor o uso do espaço não formal como possibilidade de recursos pedagógicos na construção do conhecimento visando um ensino – aprendizagem para a formação crítica e emancipatória.

3 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Sensibilizar os alunos, no que diz respeito, aos cuidados e valorização com o meio ambiente, reconhecendo-se como parte integrante dele;
- Refletir sobre a importância do reflorestamento, do cuidado com o meio ambiente e da proteção das nascentes para a preservação do solo, da fauna, da flora e dos cursos de água;
- Propor estratégias de ensino investigativas para o ensino de ciências da natureza em espaços não formais.

4 METODOLOGIA

Primeiramente, em sala de aula, o professor trabalhou o conceito de espaços não formais e de preservação ambiental. Marcamos um horário e fizemos uma visita ao sítio, que teve como objetivo conhecer o local e preparar os 3 momentos, que devem subsidiar o planejamento de uma aula em um ambiente não formal, que são: a aula pré-campo, a aula de visita ao campo e a aula após a visita.



Após esse processo foi elaborado um roteiro de visitação e a preparação das propostas (os 3 momentos) de trabalho que iríamos desenvolver (RODRIGO, OTAVIANO, 2001).

4.1 ROTEIRO DE VISITA

- Nome da escola/universidade que iria fazer a visita;
- Disciplina envolvida;
- Professor;
- Especificação da modalidade educacional, em nosso caso a pós-graduação;
- Especificação de quais seriam os alunos que iriam participar. Em nosso caso a turma de mestrado.

4.2 SELEÇÃO DOS OBJETOS DO CONHECIMENTO

- Ambientes transformados pelo homem e suas consequências para a vida no planeta;
- Características dos principais grupos de plantas relacionadas ao ambiente;
- Possibilidades de agricultura familiar;
- Fauna e Flora local;
- A responsabilidade socioambiental.

4.3 DELINEAMENTO DO LOCAL DE VISITAÇÃO

- Localização onde ficaria o local que iríamos visitar;
- Seleção de quem iria participar;
- Ajustamento da data e do horário de saída e de chegada;

4.4 TRABALHO QUE FOI DESENVOLVIDO ANTES DA SAÍDA

- Antes da visita ao espaço não formal o professor, junto a nossa turma, realizou uma roda de conversa para informar aos estudantes o nome do local da visita. Além disso, este momento teve o intuito de instigar a curiosidade dos alunos sobre o espaço visitado.
- O professor indagou se alguém conhecia o lugar. Se já tinham ouvido falar, e se alguém já trazia algum conhecimento prévio sobre o local;
- Apresentamos o roteiro da visita para os colegas da turma, aproveitamos para falar um pouco sobre o local, relacionando-o aos conteúdos que poderiam ser trabalhados;
- Cada um poderia usar o recurso didático que desejasse para anotar, fotografar ou filmar o local.
- Em relação as vestimentas foi sugerido todos ir de tênis e roupas confortáveis já que iríamos para uma aula de campo.



4.5 TRABALHO QUE FOI DESENVOLVIDO DURANTE A AULA DE CAMPO

- Os alunos usaram o celular para registrar todos os momentos da aula de campo;
- O proprietário do local caminhou junto conosco e nos explicou como ocorreu o reflorestamento do local e como foi feito o trabalho de proteção da nascente.
- Ao final tivemos uma pequena culminância na forma de um lanche coletivo.

4.6 TRABALHO QUE FOI DESENVOLVIDO APÓS A AULA DE CAMPO

- Demonstramos os resultados obtidos para todos os alunos da turma.
- Elaboramos este artigo como proposta da aula de campo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando todos chegaram ao “Sítio 3 Moinhos”, localizado a 4 km da sede do município de Jerônimo Monteiro, começamos a aula que durou em média 1 hora (60 minutos), ao final fizemos um lanche, em um tempo de 30 minutos, sendo um total de 1 hora e 30 minutos.

É um local, que fica torneado por lavouras de café, no decorrer de uma estrada coberta por saibro, mas que dá para trafegarmos com segurança. Logo na chegada tivemos contato com um enorme poço, que conforme o proprietário é um criadouro de peixes, na maioria tilápias.



Fonte: autores (criadouro de peixes da propriedade)

O quintal da propriedade passa uma sensação de aconchego, uma vez que, acopla vários tipos de plantas, uma cachoeira, área de lazer e o córrego que passa tem águas transparentes. Observem a foto abaixo:



Fonte: autores (entrada da propriedade)

Prosseguindo chegamos no “coração do sítio”, lugar onde, ele recebe as pessoas, que vão lá visitar a propriedade, ou para passar o dia, uma vez, que ele também disponibiliza a área para o lazer particular, como banhos na cachoeira e descanso e baixo das árvores. Abaixo mostramos um pouco do “quintal do senhor José”.



Fonte: autores (centro da propriedade)



Fonte: autores (cachoeira dentro da propriedade)



Fonte: autores (centro da propriedade)

Para iniciarmos a “trilha” ou melhora a aula o proprietário do Sítio 3 Moinhos, José Luiz Figueiredo, foi a frente para fazer a demonstração do lugar e explicações necessárias de tudo que iríamos presenciar, começando pela nascente que foi recuperada e que abastece a residência dele.



Fonte: autores (nascente da propriedade)



Fonte: autores (poço para banho dentro da propriedade)

Em seguida, subimos um pequeno morro, no qual, ele fez o plantio de 103 mudas de árvores nativas da região, que na presente data encontram-se bem desenvolvidas e cobrindo toda a área.



Fonte: autores (área reflorestada da propriedade)

Conforme relatos dele, o reflorestamento trouxe muitos benefícios para a pequena propriedade. O que antes era uma área de pastagens, para criação de gados, com uma nascente aparentemente seca. Agora é uma área verde com plantas da região, muita água, com pássaros e animais.



Fonte: autores (Louva deus, encontrado na propriedade)



Fonte: autores (poço para banho dentro da propriedade)

Todas essas informações podem ser conferidas no endereço (<https://instagram.com/sitio3moinhos?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>), Instagram do proprietário que conquistou, em 3º lugar na categoria Produtor Rural, o prêmio Biguá de Sustentabilidade nos anos de 2021 e 2022.



Fonte: autores (Certificado do prêmio Biguá)



Fonte: autores (Certificado do prêmio Biguá)



Conforme Gohn (2006) a educação não-formal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos e atitudes de preservação. Além disso, nos coloca em contato com um local vivo e com ar puro, em que todos os nossos sentidos entram em ação, o que leva os cidadãos a se tornarem parte do mundo em que estão imersos. Fortalecendo dessa forma, o exercício da cidadania, porque socializa os indivíduos.

Os diálogos acima se concretizaram na referida aula, uma vez que, todos demonstraram estar muito entusiasmados, e o professor aproveitou para falar um pouco do ambiente não-formal. Nos relatos de Gohn (2006), fica evidente que os alunos aprendem muito quando é colocado em contato com o concreto e real, pois, são aulas que os deixam ser quem ele é, e tudo a sua volta é absorvido de forma lúdica e descontraída.

E o Sítio 3 Moinhos, é um lugar propício para essas aprendizagens, porque é uma área que leva o aluno a entender a importância da preservação do meio ambiente, para o resgate e a manutenção do solo, das plantas, das nascentes, dos cursos de água e dos animais, que de uma certa forma são fatores que estão interligados ao ser humano, e promovem a sua sobrevivência, saúde e bem-estar social.

Além disso é uma área que pode ser visitada por todos os tipos de público, envolvendo desde a educação infantil (pré I e II), alunos dos ensinos fundamental I e II, ensino médio, graduandos, alunos de pós-graduação lato sensu, bem como discentes de pós-graduação stricto sensu, como foi o nosso caso.

Abaixo uma demonstração de nossa turma de pós-graduação stricto sensu.



Fonte: autores (turma de pós-graduação stricto sensu da UFES)



6 CONCLUSÃO

Nessa perspectiva, tanto o professor, como os alunos puderam presenciar, em conjunto, vários conteúdos que são trabalhados na escolar, como por exemplo, o tipo de solo da região, as plantas do local, o reflorestamento, a preservação das nascentes, a fruticultura e a agricultura familiar.

Este trabalho mostrou as potencialidades educativas daquele espaço não formal, razão pela qual cumpre os objetivos previamente estabelecidos. Pode-se falar que o Sítio 3 Moinhos, configura se como um espaço propício para a organização de aulas de campo, com a finalidade de ensejar momentos para a aprendizagem de temas sobre biodiversidade, conservação de nascentes, observação de um curso de água preservado, tipos de solos, variedade de plantas, recuperação de áreas degradadas, manutenção da qualidade ambiental, observação de espécies silvestres, entre tantas outras.



REFERÊNCIAS

COVRE, E. S. P. et. al. Formação continuada de professores para utilização pedagógica dos espaços não formais: uma aula de campo na floresta nacional de Pacotuba - ES, Brasil. ENCITEC - Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista. DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/encitec.v12i2.804>. ISSN:2237-4450. Santo Ângelo, V.12, Nº.02, P. 84 -100, mai./ago.2022.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 32. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Revista Ensaio. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

JACOBUCCI, G. B.; JACOBUCCI, D. F. C. Caracterização da estrutura das mostras sobre biologia em espaços não-formais de educação em ciências. Revista Ensaio. Belo Horizonte, v.1, n.01, p.96-112, jan./jun., 2008.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. Revista de Geografia. Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2001.

SANTOS, M. P.; OLIVEIRA, A. M. Didiscência sob a ótica da Pedagogia Freireana: O Processo educativo de ensinar-e-arender num enfoque dialético. (Org.) Marcos Pereira dos Santos e Adriano Monteiro de Oliveira. — Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. 166 p.